



Linguagem e Regionalismo em Simões Lopes Neto

Por Alzira Fabiano de Christo*

“Eu já tive a sorte de ler os *Contos gauchescos* numa velha casa de estância, com as janelas abertas sobre os horizontes limpos da campanha”, afirma o crítico e poeta Augusto Meyer sobre *Contos gauchescos e lendas do sul* (1912), de João Simões Lopes Neto (1865-1916). Sorte por quê? Porque era exatamente esse o cenário em que nasceram as estórias e sobre o qual estas se debruçam, revelando-o. O fio condutor da narrativa é a viagem pela campanha gaúcha, ou seja, pelo pampa, planície ondulada que se estende pelo Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina. Esta região, ao mesmo tempo em que condicionou a obra-prima de Simões Lopes Neto, estabeleceu o perfil histórico, social e econômico do Estado gaúcho.

No prefácio da obra, há uma intervenção do apresentador dos *Contos gauchescos*, o qual nomeia Blau Nunes, personagem mais famoso do autor, um vaqueano de oitenta e oito anos que conduz a narrativa: “índio velho, contador de “casos” nas horas galponeiras, tapejara que cruzou toda

a província, no tempo em que tudo era aberto, as estâncias pegavam umas nas outras e ninguém sabia bem o que era seu, de animalada” (Meyer, 1953, p. 12). Além de contar as estórias nos *Contos gauchescos*, Blau Nunes: “é o herói de Simões Lopes, o gaúcho pobre, o tropeiro, o peão de estância, o agregado, o índio humilde, o campeiro rio-grandense, como tipo historicamente definido” (Meyer, 1953, p. 12).

A estratégia narrativa usada por Simões, de valer-se de um apresentador que, no decorrer dos contos, coloca-se como ouvinte de Blau Nunes, é um verdadeiro “achado” literário. O resgate que o velho Blau efetua do passado heróico, não poderia corresponder ao tempo presente. É por essa razão que o contador, ao narrar o passado, também revive aquele tempo: “como quem estende ao sol, para arejar, roupas guardadas ao fundo de uma arca” ** (p.18). Nesta apresentação, registra-se a impressão do companheiro de Blau, sobre ele, o vaqueano: “fazia-me ele a impressão de um perene tarumã

verdejante, rijo para o machado e para o raio, e abrigando dentro do tronco cernoso enxames de abelhas, nos galhos ninhos de pombas...” (p.18). Assim, menciona uma viagem marcada de recordações e não mais de paisagens, estâncias, pousadas e ranchos. Segundo Regina Zilberman (1973, p. 29): “é a diferença entre o Blau da juventude, que viveu ou ouviu contar as estórias que narra, e o Blau velho, que reconstitui o primeiro através da memória, (...) que determina no personagem uma oposição entre o passado e o presente e uma valorização específica dada a cada época”. O discurso do vaqueano refere seres, lugares e coisas, enuncia o código de ética do gaúcho e cria um modelo de sociedade em um determinado momento histórico.

Na obra simoniana, o autor se vale de Blau Nunes e de seu “pitoresco dialeto gauchesco”, para dar curso a elementos regionais e interpretar os valores, as lendas e as tradições inerentes ao homem do pampa. Lopes Neto, também, foi um contribuidor para

a estabilização do populário gaúcho, como bem demonstra sua primeira obra, publicada em 1910, *Cancioneiro guasca*.

O autor, tema deste estudo, está inserido nos manuais de Literatura Brasileira como pertencente ao Prémodernismo e, segundo o crítico Alfredo Bosi (1999, p. 212): “Simões é o artista enquanto homem que tem algo de si a transmitir, ainda quando pareça fazer apenas documentário de uma dada situação cultural. Seus contos fluem num ritmo tão espontâneo, que o caráter semidialetal da língua passa a segundo plano; impondo-se a verdade social e psicológica dos entrecos e das personagens”.

Neste estudo, objetiva-se analisar, como Simões Lopes Neto estrutura a linguagem regionalista a partir da trajetória de um narrador característico e a forma como ocorrem determinados procedimentos da fala, o estilo oralizado, a condução da narrativa em forma de interlocução a um viajante/leitor, assinalando a construção do regionalismo nas obras do autor, bem como a presença de um código de valores, responsável pela ideologia que caracteriza a identidade do gaúcho, código esse que inclui, entre a grandes virtudes destacadas, a coragem, o espírito de aventura, a liberdade e o respeito aos animais. Nesta perspectiva, abordar-se-á o conto “Penar de Velhos”, verificando como se organiza a construção do universo gaúcho.

“Penar de Velhos” corresponde ao décimo quinto conto de *Contos gauchescos*. A narrativa analisa a personagem Binga Cruz, um menino de doze anos que protagoniza acontecimentos aparentemente banais. Binga, filho único de um casal de estancieiros, certo dia sai para caçar:

Um dia, dezembro, sol de rachar, com trovoadas armadas, andara o guri ninhando numas restingas que havia por sobre o fundo da roça, por detrás das casas. O chapéu estava já abarrotado de ovos de tico-tico, alma-de-gato, de corruíras, canarinhos, sabiás...; era um entrevero bonito de cores e feitios diferentes. De calcita arregaçada, mui espinhado nas canelas e nos braços, o rosto vermelho e de cabeça ardendo, o diabinho ainda gateava um ninho de tesouras, quando,

do outro lado da cerca, ouviu o assobio das avestruzes pastando... Era o que o guri esperava mesmo; ele queria, de por força, pegar uma, viva; mas só lançando... (p.92).

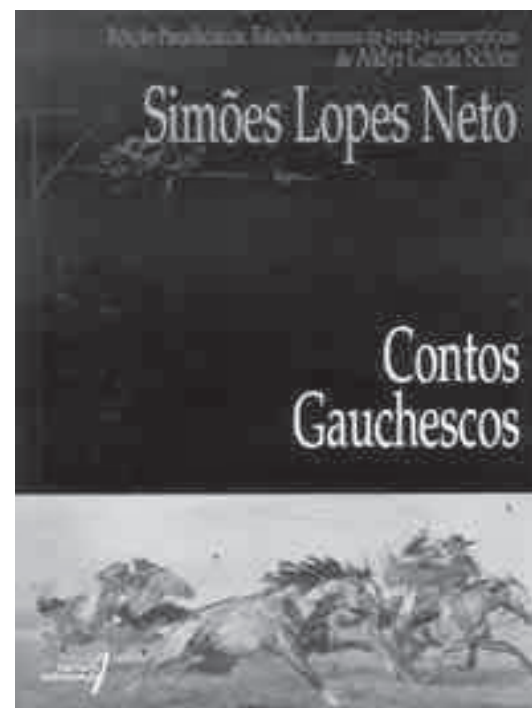
O campo aberto, paisagem que reproduz uma plena identidade entre a natureza e o indivíduo, característica preponderante na obra do autor, reforça a idéia de que homem e natureza constituem uma só matéria, indissolúvel e coerente. Devido a isto, a relação que decorre entre o menino e a natureza, a partir do cavalo como elemento indispensável, não é uma simples relação, correspondente às ingênuas brincadeiras infantis. Pelo contrário, ela encontra significância num universo mais amplo que é o universo regional. Ao passo que tematiza os costumes, a atitude do menino Binga – de querer, montado no cavalo, laçar avestruzes – remete às façanhas gaúchas no sentido de laçar gado xucro. Esta atividade caracteriza, não apenas uma habilidade, mas todo um processo de uma atividade para com as lides do campo, cujas conseqüências estão intimamente ligadas ao machismo, à coragem, à bravura, à destreza, enfim, às atitudes dignas de um “homem do pampa”.

Enquanto regionalismo, o autor se vale de determinados elementos que caracterizam a região. Para José Clemente Pozenato (1974, p. 15): “O conceito de regionalismo refere-se ora à representação de uma realidade regional numa obra literária, ora à intenção de realizar essa representação. Em outras palavras, o que se verifica, no primeiro caso, é a presença do elemento local, ou situado, ou ainda datado, em qualquer obra literária”. Esta valorização local não só se dá pela descrição do horizonte aberto, o qual está relacionado à campanha rio-grandense, mas principalmente, pela forma como o autor constrói a narrativa, isto é, como ele faz o uso da linguagem regional. Augusto Meyer (1953, p.17), cita João da Silva Pinto ao referir o perfeito equilíbrio entre as fontes de inspiração e o teor da linguagem: “a sua modelar fidelidade aos motivos regionalistas não lhe vinha somente do profundo

conhecimento das nossas tradições, hábitos e costumes. Era, também, efeito do seu vocabulário, da íntima, indissolúvel consonância do assunto com o estilo”.

A característica fundamental da língua de Simões Lopes é a capacidade de transformação da linguagem oral em literária, é a fala espontânea e viva dos seus heróis. Simões não procurou elevar o homem do campo até onde se encontrava ele, o patricio; o que fez, foi descer até o irmão dito inferior, através do linguajar pitoresco. “Sua prosa realiza o mais feliz dos compromissos entre a vontade da fala do homem do campo e a melhor maneira literária”. (Hollanda, 1953, p. 31).

Na introdução que faz à obra de Simões Lopes Neto, *Contos gauchescos e lendas do sul*, Aurélio Buarque de Hollanda, em estudo intitulado “Linguagem e Estilo em Simões Lopes Neto: Pintura e não Fotografia” (1953, p. 27-113), destaca uma série de estratégias lingüísticas, influências, criações, oralizações e expressões carregadas de poeticidade que conferem ao estilo de Simões Lopes Neto um sabor marcadamente individual e representativamente regional.



As exemplificações abaixo servem como ilustração:

a) Conto oralizado: contado por Blau Nunes, conserva as marcas do contar de forma oral.

“Pois, amigo, se lhe conto!...” (p. 93)

“... passou a mão no seu lacito e se foi a arriba.” (p. 94)

“Tocava o picaço em cima do nhandu e atirava o laço... o bicho negaceava, e o laçador errava o tiro... E vá outro, e outro... mas errendo sempre, só de apurado!”. (p. 94)

“Aí o Binga fez um jeito de choro...”. (p. 94)

“Aí o velho andou mal...”. (p. 94)

“Mas nisto o nhandu deu com a boca no rincão...”. (p. 94)

b) Beleza das imagens extraordinariamente expressivas:

“Um dia, dezembro, sol de rachar, com trovoadas armadas, andara o guri ninhando numas restingas que havia por sobre o fundo da roça, por detrás das casas. O chapéu estava já abarrotado de ovos de tico-tico, alma-de-gato, de corruíras, canarinhos, sabiás...; era um entrevero bonito de cores e feitios diferentes”. (p. 93)

“Amigo! Que disparada! Por tacuruzais e buracama de tuco-tuco, por cima das painelas de caranguejo, por laçantes de coxilhas e moles das canhadas, salvando sangas e arrancando no barral das lagoas, tudo era várzea lisa para aquela alminha de gaúcho!”. (p. 94)

“O pai dele, o velho, recebeu de regalo um bagual picaço sãozito das quatro patas, sem uma basteira: e de rédea, um pensamento. E era mesmo para o andar dele”. (p. 93)

c) O que atrai a atenção, em se tratando de vocabulário na obra simoniana, é, certamente, a contribuição espanhola, mais particularmente platina. É o caso de: *regalo, a la fresca, a la cria, bueno*, entre outras. Caso de particular interesse é o da palavra *mui*, forma esta mais usada do que a expressão portuguesa integral *muíto*. A freqüência com que *mui* aparece em Simões Lopes, relegando o *muíto* ao segundo plano, é seguramente, influência do Espanhol. d) Também da influência espanhola provém, igualmente, o abuso do sufixo *-ito*, relacionado em língua portuguesa ao sufixo *-inho*. Eis alguns exemplos: *piazito, sãozito, calcita, emplumaditos*. Da mesma forma, é de fundo espanhol o intenso emprego do sufixo *-aço*, contribuindo para ampliar a idéia de quantidade. É o caso de: *picaço, buenaço, lindaço*.

e) Outra característica simoniana é o

resgate a determinadas palavras que hauridas do vocabulário popular, apresentam, hoje, uma conotação fortemente arcaica, enraizadas no velho português. Trata-se da utilização, nos contos, de variantes, como: *escuitar, sancristão, Jesu-Cristo, instrumento, alimal, ansim, ermão, hospes*: “E não havia hospes que tivesse comido daquela mesa”(p.96)

f) Há expressões em que uma locução adverbial, ao se cruzar com um advérbio, produz outra locução que participa da natureza das duas expressões como ocorre no exemplo: “Aí o Binga fez um jeito de choro de raiva, e mui desconsolado montou de novamente. (p.94), caso em que concorrem a locução *de novo* e o advérbio *novamente*.

g) Pontuação / excesso de reticências: - Ora elas marcam o silêncio na oralidade: “E teve um fim que nunca se soube... Pobrezinho...”. (p. 93)

- Ora registram, ironicamente, o não dito: “Foi quando lhe coriscou na idéia bancar-se no bagual picaço, do velho...”. (p. 93)

h) Modificação do uso do advérbio propiciando o cruzamento de circunstância: modo + tempo

“Conheci , sim, senhor, o Binga Cruz, desde assinzinho”. (p. 93)

Assinzinho

“Assim” supõe a forma referente ao jeito infantil; “Zinho”, o diminutivo dá a idéia do tempo passado, quando ele era pequeno.

i) Às vezes, Simões Lopes faz uso de palavras ou locuções conhecidas, mas ainda não averbadas em nenhum dicionário: “Nem era tento! Num—vá!” (p.94).

j) Em *Contos gauchescos*, a sintaxe ora obedece à tradição portuguesa, ora às tendências brasileiras. A fusão da linguagem literária com a linguagem oral permite que as duas correntes se harmonizem sem que causem estranheza, como exemplifica a citação encontrada no conto “Contrabandista”: “Ainda que chovesse reíunos acolherados ou que ventasse como alma de padre, nunca errou vau”. (p. 79). Situações inusitadas também podem ser encontradas no emprego da regência verbal. É o caso, por exemplo, da utilização do verbo chegar, geralmente regido pela preposição “a”: “chegando à estância”; “chegou a portos”.

l) Dentro da mais rigorosa sintaxe, o autor, geralmente, não deixa a preposição contrair-se com o artigo quando ela rege não um substantivo mas uma frase: “E quando foi a hora de o corpo cair por cova”. (p. 96).

m) Quanto à utilização de pronomes,

Simões ora obedece à ditadura da gramática portuguesa, ora utiliza-os de acordo com o uso brasileiro: Próclise: “Pois amigo se lhe conto” (p.93). Ênclise: “Que caia-lhe em cima”. (p. 94).

Há em Simões Lopes Neto e em seus *Contos gauchescos*, um tom de brasileiro, o qual não é só de vocabulário e de sintaxe, mas de características íntimas que remetem a uma plena identificação do escritor com o meio. O fato é que ele é tão brasileiro quando aceita certos usos da linguagem do povo, como quando se opõe a outros, reconhecendo que “a influência popular tem um limite; e o escritor não está obrigado a receber e dar curso a tudo o que o abuso, o capricho e a moda inventam e fazem correr. Pelo contrário, ele exerce também uma grande influência a este respeito, depurando a linguagem do povo e aperfeiçoando-lhe a razão”. (Hollanda, 1953, p. 69).

Notas

* Estudo vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, orientado pela professora Ms. Maria Beatriz Zanchet e ao grupo de pesquisa certificado no CNPq, intitulado *Literatura Brasileira: Sociedade e Mito*.

** Todas as citações extraídas da obra de Simões Lopes Neto, *Contos gauchescos*, serão referenciadas, neste trabalho, apenas com a indicação da página e, em itálico.

Referências Bibliográficas

- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1985.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *Simões Lopes Neto: regionalismo e literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- FILIPOUSKY, Ana Mariza, et al. *Simões Lopes Neto: a inversão, o mito e a mentira: uma abordagem estruturalista*. Porto Alegre: Movimento IEL, 1973.
- LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos e lendas do sul*. Apr. Flávio Loureiro Chaves. São Paulo: Ediouro, [s.d.].
- POZENATO, José Clemente. *O regional e o universal na literatura gaúcha*. Porto Alegre: Movimento Instituto Estadual do Livro, 1974.
- ZILBERMAN, Regina. *Presente e Passado nos Contos Gauchescos*. In: *Simões Lopes Neto: a inversão, o mito e a mentira: uma abordagem estruturalista*. Porto Alegre: Movimento IEL, 1973.